

Minha convivência com o professor José Silvério Leite Fontes

*José Ibarê Costa Dantas **

Resumo

No percurso de minha formação intelectual, a interlocução com o professor Silvério Fontes ao longo de cerca de quatro décadas foi certamente a mais marcante. Este texto se propõe a lembrar, com auxílio de anotações, a receptividade que sempre me dispensou, tornando nossa convivência memorável como aluno ou colega e sempre amigo. Em encontros, recheados de diálogos fecundos ou por correspondência, sempre me estimulou com sua experiência de vida e seu vasto conhecimento humanístico reveladores de sua sabedoria e generosidade.

Palavras-chave: Influência intelectual, História, Silvério Fontes.

235



* José Ibarê Costa Dantas é professor aposentado da Universidade Federal de Sergipe (UFS), historiador e cientista político, autor de mais de uma dezena de livros sobre a História de Sergipe. Doutor Honoris Causa pela UFS e ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (2004-2010).

My relationship with Professor José Silvério Leite Fontes

Mi convivencia con el profesor José Silvério Leite Fontes

Abstract

During my intellectual development, the dialogue I maintained with Professor Silvério Fontes over approximately four decades was undoubtedly the most impactful. This text aims to recall, with the help of notes, the receptiveness he always showed me, making our time together – whether as student or colleague, and always as friends – truly memorable. In meetings filled with fruitful discussions or through correspondence, he constantly encouraged me with his life experience and his vast humanistic knowledge, revealing his wisdom and generosity.

Keywords: Intellectual influence, History, Silvério Fontes.

Resumen

A lo largo de mi formación intelectual, el diálogo que mantuve con el profesor Silvério Fontes durante aproximadamente cuatro décadas fue, sin duda, el más significativo. Este texto pretende recordar, con ayuda de apuntes, la receptividad que siempre me brindó, haciendo que nuestra convivencia – ya fuera como alumno o colega, y siempre como amigo – fuera realmente memorable. En encuentros llenos de diálogos fructíferos o a través de la correspondencia, siempre me estimuló con su experiencia de vida y su vasto conocimiento humanístico, revelando así su sabiduría y generosidad.

Palabras clave: Influencia intelectual, Historia, Silvério Fontes.



Primeiro contato

Nos início dos anos sessenta, o professor já era um profissional experiente e reconhecido como pensador católico, grande conhecedor das ciências humanas, conforme demonstravam suas obras publicadas.¹ Bacharel em Direito pela Faculdade da Bahia em 1946, dedicou-se ao magistério e acumulou experiência política como secretário do governo Arnaldo Roremberg Garcez (1951-54) do PSD-PR. Naquele início da década, ensinava no Instituto Rui Barbosa, no Ateneu e nas faculdades de Direito, Filosofia e Serviço Social, três instituições que pagavam aos docentes salários simbólicos.

O primeiro contato com o professor Silvério ocorreu nos idos de 1961 e foi muito rápido. Com algum interesse pela História, indaguei de Beatriz, aluna da Faculdade de Filosofia e minha namorada, sobre uma obra importante na matéria e ela respondeu: “Quem bem sabe é o professor Silvério”. Diante daquela resposta, dias depois, interrompi a caminhada do professor numa calçada próxima de sua casa e pedi sua opinião. Atencioso, sugeriu a coleção coordenada por Maurice Crouzet, *História Geral das Civilizações* – editada no Brasil pela Difel em 1960 – e continuou seu trajeto.

Meses depois, com o curso secundário concluído, ansioso pela estabilidade financeira, deixei os livros com Beatriz e viajei a São Paulo levando minha inexperiência e minhas ilusões na esperança de conseguir emprego e estudar.

Depois desse primeiro contato que narrei com o professor, voltamos a nos encontrar em meados de 1964, ou seja, três anos depois. As ocupações do professor haviam mudado. Ele ensinava na Escola Industrial, na época seu principal salário, e nas Faculdades de Filosofia e Direito, de onde recebia proventos exíguos. Minha situação também era outra: regressei a Sergipe um ano depois, prestei concurso para o Banco do Brasil, fui aprovado e assumi em janeiro de 1964 e casei-me após três meses.

¹ *Razão e Fé em Jackson de Figueiredo* (1952), *Quatro Estudos* (1958), *Formação do Conceito de Fato Histórico na Cultura Ocidental* (1958). Esse último texto Tese de Concurso à Cátedra de História Geral no Colégio Estadual de Sergipe.

Nessa ocasião, a conjuntura também era outra. Os militares controlavam os aparelhos do Estado e exercitavam as medidas coercitivas: prisões, cassações e uma série de restrições aos direitos civis. Esse quadro provocava muita apreensão, sobretudo nas pessoas que estiveram na militância antes do golpe.

Encontros para debates

Em meados daquele ano, alguns amigos mais velhos do que eu, ansiosos em trocar ideias sobre os acontecimentos políticos, sedentos por conversar, sugeriram a realização de encontros. O grupo era constituído por alguns intelectuais de formação católica.

Para tanto, avaliou-se que a presença do professor Silvério seria importante pela sua experiência na liderança sindical e pela sua visão larga da política do país. Recorde-se que ele havia liderado uma greve dos professores de grande impacto no ano anterior (1963). Nesse evento, ele recebeu várias adesões e resistiu com muita firmeza às pressões de vários lados. Em agosto de 1964 respondeu a inquérito no Quartel do 28º BC pela sua atuação como presidente do sindicato (Nascimento, 2024, p. 17-23). O fato de não ser preso foi atribuído à sua doença e à presença do seu irmão, o segundo-tenente Jorge Henrique Silveira Fontes, lotado no 28º BC como presidente de Inquérito Policial Militar.

Depois desse episódio, ao chegarmos à sua residência para convidar o mestre para a avaliação do quadro político local e nacional, percebemos que estava abatido e amargurado. No início, resistiu bastante, mas ávido por participação, aceitou reunir-se em casas particulares. Depois de três ou quatro conversas, uma das quais em minha residência, o grupo² optou por uma reunião ampliada no prédio da Ação Católica na Rua Simão Dias. O público foi maior do que esperávamos. Diante das falas consideradas ousadas para o momento em que vivíamos, aquele espaço foi negado para discussões.

² Participavam do grupo os jornalistas Stefânio de Farias Alves (1931-2000) e seu irmão João Oliva Alves (1922-2019), o advogado Luiz Rabelo Leite (1926-2000), José Silvério Leite Fontes (1925-2005), padre Ovídio Valois Correia (1927-1984), sociólogo, e outros não lembrados. Eu, nascido em 1939, era o mais jovem.



Em face dessa situação, Silvério foi ao arcebispo dom Vicente Távora, que cedeu uma sala na parte térrea do Palácio Episcopal para as sessões semanais das segundas-feiras. O ajuntamento foi depois denominado Grupo de Estudos Sociais e Políticos de Sergipe (GESPS), que se tornou uma referência como núcleo de discussões sobre problemas político-sociais, econômicos e filosóficos. Havia também um público flutuante com frequência irregular.³

O professor Silvério era o líder. Impôs-se pela condução dos debates, pela autoridade intelectual nas discussões e pela resistência às pressões dos mais afoitos. Nos debates, um dos grupos mais participativos era o da Ação Popular (AP) que dialogava com aqueles com formação filosófica mais robusta. Eu interferia pouco, aprendia com os debates e nas avaliações em mesas de bar. Certa vez, decidiram realizar um encontro num domingo sob a sombra de árvores frondosas do Horto Florestal do Ibura.⁴ Designado para falar, discorri sobre a situação política da América Latina. Servi-me das matérias do volume 4 da *Revista Paz e Terra*, que acabava de ser editada. Nessa época uma série de revistas com conteúdo político foi divulgada, entre as quais *Civilização Brasileira*, *Política Externa Independente* e a que utilizei em minha preleção.

Em outra oportunidade, em uma reunião ordinária, surgiu a ideia de realização de um seminário em local público, envolvendo a participação de católicos e agnósticos. O primeiro aconteceu em janeiro de 1966, sobre o qual não disponho de anotações nem de nítidas lembranças. O segundo foi de maior abrangência e significado. Ocorreu no auditório da parte superior da Galeria Álvaro Santos, na praça Olímpio Campos, no período de 18 a 25 de fevereiro de 1967. Recebeu o título de Semana de Filosofia sobre “A Visão do Homem na Filosofia Contemporânea” com as seguintes palestras.

³ Alguns com frequência regular, outros de forma intermitente. Entre os jovens, lembramos das professoras Iara Menezes, Beatriz Góis Dantas, Gizelda Moraes, entre outras, inclusive simpatizantes ou militantes da Ação Popular (AP), entre os quais Carlos Roriz, José Rolemberg Côrtes e sua noiva Eliana Taddei Bellini.

⁴ O Horto mudou de denominação para Floresta Nacional do Ibura por Decreto de 19 de setembro de 2005.



Quadro I - Palestras da Semana de Filosofia (1967)

Data	Responsável	Título
18.02.1967	Jorge Montalvão	Visão do Homem em Marx
19.02.1967	José Silvério Leite Fontes	Visão do Homem em Karl Jaspers
20.02.1967	Gizelda Santana Moraes	Visão do Homem em Jean Paul Sartre
21.02.1967	Ovídio Valois Correia	Visão do Homem em Gabriel Marcel
22.02.1967	Juan José Rivas	Visão do Homem no neotomismo
23.02.1967	José Amado Nascimento	Visão do Homem em Theilard de Chardin
24.02.1967	Pierre Averan	Visão do Homem em Emmanuel Mounier ⁵

Fonte: Lima, 1995, p. 146-151.

Com a edição do AI-5, em dezembro de 1968, não houve mais condições para continuidade do GESPS, que assim encerrou suas atividades após ser vigiado pelos órgãos de segurança que superestimavam seu papel, como se pode ver pelas fichas do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) divulgadas pelo jornal *O Quê* nos anos noventa.⁶

Após a decretação do AI-5 houve várias prisões, cassações e dois professores da Faculdade de Direito foram chamados para prestar depoimento sobre a situação constitucional do país: Silvério Fontes e Bonifácio Fortes. Era uma forma de adverti-los e intimidá-los.

Em 1965 fui aluno de Silvério na Faculdade de Direito, na disciplina Economia Política. Sempre aberto ao diálogo e ao debate, estimulava uma proveitosa interlocução. Para se ter uma ideia da simplicidade e generosidade do mestre, lembro-me de um fato. Certa vez, ele passou um trabalho sobre o seguinte questionamento: “Há possibilidade de síntese entre o Capitalismo e o Socialismo?”. Após a aula, de terno e com sua pasta, montou na garupa da minha Vespa e fomos à sua residência. Lá me levou pela primeira vez à sua biblioteca onde escolhemos algumas das obras recomendadas. Li outros clássicos e ampliei minha visão sobre esses dois sistemas. A partir desse texto, notei que sua expectativa em meu desempenho aumentou.

⁵ Stefânio Farias. Alves divulgou as sínteses das palestras na *Gazeta de Sergipe* e foram reproduzidas por Jackson da Silva Lima em seu livro *Os Estudos Filosóficos em Sergipe*, editado pela Sociedade Editorial de Sergipe, sob o patrocínio da Secretaria do Estado da Cultura em 1995 (p. 146-151).

⁶ Ver *O Quê*, 1991-1992.



Alceu Amoroso Lima em Aracaju

No ano de 1966, aconteceu nosso encontro com Alceu Amoroso Lima (1893-1983), que ganhou notoriedade como crítico literário com o pseudônimo de Tristão de Ataíde. Agnóstico até meados dos anos vinte, ao corresponder-se com Jackson de Figueiredo (1891-1928) se converteu ao catolicismo. Após a morte do militante sergipano no Rio de Janeiro, Alceu substituiu-o na liderança do movimento católico e, na linha do seu antecessor, assumiu uma postura antiliberal e autoritária por cerca de uma década.

A partir das obras do filósofo Jacques Maritain (1882-1973), expressão maior do neotomismo,⁷ Alceu aprofundou seus conhecimentos nas áreas de Filosofia e liderou a renovação do pensamento cristão no Brasil. Nesse contexto, o livro *Humanismo Integral* (1936) do pensador francês alcançou grande destaque, do qual Silvério era um fiel seguidor. Basta lembrar que em 25.08.1948 o professor, aos 23 anos, proferiu substanciosa palestra no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) sobre “As Diretrizes do Pensamento de Jacques Maritain” (Fontes, 1958, p. 3-28). Na década seguinte, outra conferência do mestre foi sobre Léon Bloy, um escritor militante, cristão combativo, desprendido de bens materiais, que foi um dos responsáveis pela conversão do casal Jacques e Raissa Maritain. Esta, natural da Ucrânia, esposa do filósofo, ao publicar *As Grandes Amizades* (1958), analisou com grande sensibilidade o ambiente dos escritores cristãos franceses.

Era um momento em que esses pensadores, angustiados com os rumos do capitalismo e da ditadura do proletariado, buscavam uma terceira via em que o espiritualismo dedicasse mais atenção à realidade material e à condição social da humanidade. Esse processo de mudança que se irradiou entre nós foi impulsionado por alguns pensadores católicos franceses. O pioneiro foi Emmanuel Mounier (1905-1950), que criou a revista *Esprit* em 1932. Exerceu grande influência no combate aos regimes totalitários e propôs o engajamento no enfrentamento dos problemas sociais. Outro preo-

⁷ Neotomismo: movimento de retorno à filosofia tomista da Idade Média, resgatada à luz de tendências intelectuais modernas (Dicionário Houaiss, 2024).

cupado com a situação social era o padre Lebret (1897-1966). Suas obras, tais como *Manifesto por uma sociedade solidária* e *Suicídio ou sobrevivência do Ocidente*, descreviam o quadro de desigualdade e estimulavam ações de mudanças. Jean Lacroix (1900-1986), continuador de Mounier na direção da revista francesa *Esprit*, com boa formação filosófica, ampliou o debate e o diálogo com os comunistas.

No Brasil, o grande nome dessa corrente mudancista era Alceu Amoroso Lima com sua cultura abrangente. Eu o lia desde o início dos anos sessenta, inclusive os livros da biblioteca de Silvério, meu principal interlocutor.

Foi nessa conjuntura que o grande crítico literário e líder católico esteve entre nós. No momento de sua rápida estada em Aracaju, o presidente da República era o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, e Alceu era um de seus críticos nos artigos semanais no *Jornal do Brasil*. Nos primeiros meses da nova ordem discricionária, o líder católico recebeu uma correspondência violada e publicou seu protesto no texto “O Terrorismo Cultural”. Como era um dos intelectuais de maior prestígio literário e moral, seu protesto reverberou internamente e fora do país. Conforme nos contou o próprio Alceu, o presidente ditador ligou para ele, não sei se para reclamar ou para justificar-se.

Há outro fato que ilustra um pouco o clima daquele tempo. No segundo semestre de 1964, o sergipano Gilberto Amado tomou posse na Academia Brasileira de Letras. Na mesa da sessão solene, no lado direito do presidente do sodalício, Austregésilo de Athayde, sentou-se o marechal Castelo Branco. Do lado esquerdo, ficou Alceu, que discursou de pé sem se afastar da mesa. O longo discurso foi ilustrado com referências aos cinco volumes das memórias do sergipano. Aos 73 anos, o ilustre acadêmico não deixou de endereçar suas farpas nas barbas do presidente ditador ao falar de liberdade “hoje mais do que nunca ameaçada, insultada, escarnecida e até espezi-nhada” (Amado, Lima, 1965, p. 34).

Foi essa figura que esteve entre nós. Eis algumas anotações que guardei dos nossos encontros com Alceu nos dias 13 e 14.01.1966:



12 de janeiro de 1966 - 13 horas. Prof. Silvério me telefonou avisando que Alceu chegaria no dia seguinte. E acrescentou: “Devemos oferecer-lhe boa acolhida”.

À noite, em casa de Silvério, falamos da previsão do programa. Jantar no late. Palestra para nosso grupo ou conferência pública, conforme desejo dele. João Oliva o entrevistaria etc.

No dia 13, às 21 horas aproximadamente Alceu chegou. Partimos em direção ao Hotel Palace: Eu, meu irmão Francisco Dantas, Stefânio Alves, João Oliva, José Amado, Silvério Fontes, Luiz Rabelo, Jorge Montalvão e um engenheiro seu conhecido. Ao entrarmos no Hotel Palace, lá estava ele defronte a um repórter em entrevista. Assim que nos aproximamos, levantou-se, cumprimentou todos e dirigiu-se familiarizado a Rabelo, José Amado e Silvério. Desse último referiu-se ao trabalho sobre Jackson com elogios. No dia seguinte, voltamos a nos encontrar.

A entrevista sob o comando de João Oliva ocorreu no terceiro andar do Hotel. Fiz-lhe duas perguntas no campo da literatura. Após entrevista, autografou alguns livros de sua autoria, entre os quais dois exemplares meus. Em seguida, fomos de carro até o Palácio Episcopal. Com D. Távora, vi Alceu dar boas risadas e abrir-se mais.

A entrevista foi gravada com imagem, mas desconheço o destino da fita de gravador de rolo providenciado por João Oliva.

Após o encontro alimentei a possibilidade de manter contato por carta com o ilustre intelectual. Mas nunca lhe escrevi, nem jamais lhe enviei meus livros.

Professor no curso de História

No segundo semestre de 1966, comuniquei a Silvério minha decisão de deixar o curso de Direito e substituí-lo por História. Surpreendeu-se, respeitou minha decisão e registrou o fato anos depois no prefácio do meu livro *O Tenentismo em Sergipe*.

Na Faculdade de Filosofia a partir do início de 1967, curioso e motivado com as disciplinas do novo curso, voltei a ser aluno do professor Silvério. Inicialmente na disciplina “Introdução aos Estudos Históricos” com um programa abrangente, que incluía temas

como desenvolvimento do conceito de História e da metodologia histórica, Análise e Síntese, Heurística e disciplinas auxiliares, Crítica externa e interna, explicação e compreensão e assim por diante.

Foi esse mestre que, na Faculdade de Filosofia de Sergipe, apresentou aos seus discípulos o projeto historiográfico divulgado na Revista *Annales d'histoire économique et Sociale*, que deu origem à expressão Escola dos Annales de grande repercussão.

Como se sabe, o periódico surgiu em 1929, sob a iniciativa de Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Leblvre (1878-1956), com o propósito de inovar a História. Alargar as fontes da História para todos os vestígios de presença humana. Interpretar os dados com a colaboração das ciências auxiliares, especialmente a Sociologia, a Economia, entre outras, bem como elaborar a síntese a partir de um problema. No fundo era uma repercussão da obra de Marx entre os historiadores franceses.

Pela nova proposta, a História Política tradicional foi criticada. Considerada factual, subjetiva, centrava seu objeto na elite ou nas guerras. Não daria conta das massas ou das forças profundas da sociedade nem das mudanças sociais. Mais tarde essa avaliação foi revista.

No início do meu curso de História, em 1967, já os fundadores mencionados haviam falecido e a segunda geração dos Annales, que teria começado em 1946, já estaria no fim. Entretanto, as reverências aos criadores continuavam fortes e a Revista, que suprimiu o termo *économique* em 1939, voltou a incluí-lo em 1946 com nova denominação: *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Despontava um novo grupo de historiadores, no qual pontificava Fernand Braudel (Burke, 1991).

No que se refere ao ofício de historiador, lembro-me de dois livros que, por influência de Silvério, me proporcionaram boas lições. O primeiro foi de Marc Bloch, *Introdução à História*.⁸ Como se sabe, trata-se de um texto escrito na prisão antes de o autor ser fuzilado pelos alemães em 1944. O outro livro foi o de Henri-Iriné Marrou

⁸ Uma edição portuguesa Europa-América, s/d.



(1904-1977): *Do Conhecimento Histórico*.⁹ É uma obra de maturidade que também discorre sobre as questões básicas do pesquisador, inclusive como interrogar um documento. Marrou não era do grupo da revista *Annales*, mas enalteceu o papel dos seus membros. Mais tarde Silvério traduziu de Marrou um texto de mais de 50 páginas sobre “Como compreender o ofício de Historiador”. De conformidade com os precários meios de reprodução da época, mandou mimeografar e me ofereceu uma cópia em 10.05.1973, quando eu já estava graduado em História e escrevendo meu primeiro livro.

Antes, ou seja, em 1969, fui seu aluno na disciplina História Moderna, quando voltamos a cultivar nossa interlocução em aula. Enquanto isso ele começou a empenhar-se para me integrar na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Inicialmente, queria que eu fosse seu auxiliar no curso de Introdução aos Estudos Históricos. Resisti. A UFS ainda não estava nos meus planos. Depois, ele disse ao reitor João Cardoso que pretendia deixar de ensinar tal disciplina e que eu seria o substituto apropriado. O reitor consultou padre Ovídio Valois Correia, professor de Sociologia, e Maria Thetis Nunes, da área de História, que teriam confirmado. Mas, diante da cassação dos meus direitos políticos, o reitor considerou a substituição inviável.¹⁰ Quanto à punição, como revelei no meu livro sobre *A Tutela Militar* (Dantas, 1997, p. 104-105), retirei-me das atividades políticas como fez com a primeira turma de punidos. No meu caso, como era representante dos estudantes no Conselho de Ensino e Pesquisa, fui afastado da representação. Naquele momento, Silvério visitou-me formalmente, expressando sua firme solidariedade.

Enquanto isso, convivíamos em vários espaços. Quando o visitava ou nos nossos encontros por motivos diversos, gostava de falar de suas leituras, geralmente obras clássicas, densas, algumas delas em vários volumes. Com amigos, por vezes, inventávamos programas inusitados. Uma noite fomos até São Cristóvão com o pretexto de

⁹ Uma edição do Editorial Aster de Lisboa, s/d.

¹⁰ Conforme já informei, após o AI-5 o reitor da UFS recebeu o Ofício nº 24-E/2 de 13.02.1969 do general-de-brigada Abdon Senna, comandante da 6ª Região Militar ao reitor para punir 32 estudantes com base no Decreto-lei 447. No ano seguinte, o brigadeiro Armando Troia enviou outra relação com mais cinco estudantes, entre os quais meu nome. Ver Dantas (1997, p. 99-104).



tomar uma sopa. Entre os companheiros estava João Nunes de Andrade, conhecedor das personalidades de Aracaju. Boa prosa, com grande senso de humor, animava o ambiente.¹¹ Outra vez, meu irmão Francisco Dantas ofereceu um almoço ao grupo, que antes discutiu o capítulo do livro *Os irmãos Karamazov* de Dostoiévski sobre o Grande Inquisidor.

Após a formatura de conclusão do curso de História, em fins de 1970, inscrevi-me na Secretaria de Educação para ensinar. Cheguei a lecionar no Colégio Castelo Branco, situado no Bairro Industrial, a disciplina de História Geral para duas turmas, manhã e noite. Entretanto, já motivado com a pesquisa sobre o Tenentismo, não consegui compatibilizar o emprego do Banco do Brasil com ensino e pesquisa, então pedi demissão do Colégio.¹² Concentrei meu tempo disponível na Biblioteca Pública pela manhã e à noite em minhas leituras. A essa altura, já havia comunicado a Silvério minha intenção de continuar no Banco.



O livro “O Tenentismo em Sergipe” e eventos acadêmicos

Quando estava bem avançado na escrita da minha primeira obra, aconteceu, no período de 14 a 18 de agosto de 1973, o V Simpósio de História do Nordeste, tendo Silvério como um dos organizadores.

No primeiro dia das atividades (15 de agosto), Thetis Nunes, Luiz Mott, Beatriz e Ibarê apresentaram seus trabalhos. Eu, o único sem vínculos com Universidade, expus minha comunicação sobre *Evolução Política de Sergipe* (1900-1930). No dia 16, Silvério proferiu conferência sobre *Evolução de Aracaju*. Assisti às demais sessões e participei da confraternização no late Clube integrado ao grupo mais próximo.

¹¹ João Nunes de Andrade foi atropelado defronte ao bar Caranguejo que havia na Avenida Beira Mar. Quando faleceu homenageei-o em um artigo. Ver Ibarê Dantas. Um homem agradável. *Jornal da Cidade*, 09.11.1972.

¹² Ensinei no Colégio Castelo Branco a partir de 13.04.1971 e fui exonerado a pedido em 16.07.1971.

Figura 1: V Simpósio de História do Nordeste - Confraternização no late Clube de Aracaju (18 de agosto de 1973). Da esquerda para a direita: Silvério Fontes, Elze Fontes, Luiz Mott, Thetis Nunes, Beatriz Dantas e Ibarê Dantas.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Neste mesmo ano (1973) as inscrições foram abertas para concurso de professor de História na UFS. Comuniquei ao professor amigo que não iria concorrer. Em 02.11.1973, entreguei a Silvério o texto que eu escrevera sobre o Tenentismo para suas críticas. Poucos dias depois apareceu em minha casa com os originais. Ele não era homem de elogiar com facilidade. Mas pelo semblante logo percebi que o mestre gostara dos escritos. Analisou o conjunto e fez algumas sugestões pontuais que eu atendi. Perguntei se aceitava fazer o prefácio e ele aceitou prontamente. Escreveu-o demonstrando sua competência e seu agrado. Sugeriu que eu levasse uma cópia da monografia acompanhada de uma carta sua ao historiador José Honório Rodrigues, alegando que uma palavrinha dele seria importante para meu reconhecimento.

O conceituado historiador José Honório tinha estado em Aracaju poucos meses antes dessa sugestão do professor Silvério para participar de um seminário a convite da UFS. Como eu conhecia boa parte dos seus livros, Silvério me convidou para integrar o grupo que lhe daria assistência.

Acompanhamos o historiador a uma visita ao Arquivo Público, cujo acervo estava jogado em condição deplorável numa sala da antiga Escola Normal, fato que ele denunciou com veemência na palestra

à noite na Faculdade de Filosofia. A sua manifestação foi importante por reforçar a campanha que Beatriz Góis Dantas, Silvério Fontes, Stefânio Farias Alves, eu e outras pessoas vínhamos promovendo. Num dos almoços do qual participamos, como já tinha lido cinco livros de José Honório, tivemos oportunidade de conversar sobre a produção historiográfica dos últimos anos no Brasil. Quando ele procurava me sugerir determinada obra, eu emitia meu juízo sobre o conteúdo. Em determinado momento, ele parou e indagou-me: “onde você adquire esses livros?”. No fundo, tive a impressão de que, para o referido historiador, quem vivia em Sergipe estaria fora do mercado editorial.

Em fins de 1973 entreguei os originais de *O Tenentismo* à Editora Vozes e ao regressar a Aracaju, reassumi meu emprego e comecei a pesquisar sobre a Revolução de 1930. Comuniquei a Silvério sobre a nova investigação, que ele considerou importante e continuou a me estimular. Por esse tempo, recomeçamos o embrião de um novo grupo de estudos e debates com a frequência semanal. Quando ocorreu a Revolução dos Cravos (25.04.1974), que acabou com a longa ditadura em Portugal, José Hamilton Maciel, Antonio Vieira da Costa, Stefânio Farias Alves, Amy Adelino Farias, eu, Beatriz Góis Dantas, entre outros comemoramos em nossa residência. Por volta das 23 horas fomos à casa do professor Silvério convidá-lo a participar. Como já estávamos animados, estimulados pela bebida, ele se recusou a ir em nosso carro, mas pouco depois chegou em sua Kombi e incorporou-se à comemoração do grupo até a madrugada. Estávamos no período da abertura política e víamos o acontecimento como prenúncio do que deveria acontecer no Brasil.

No lançamento de *O Tenentismo em Sergipe* no Instituto Histórico, em 28.06.1974, Silvério fez o discurso de apresentação do seu ex-aluno.



Figura 2: Lançamento do livro *O Tenentismo em Sergipe*.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Posteriormente, demonstrou viva satisfação com a repercussão da obra na imprensa. Com livro publicado, as interpelações do professor Silvério para que eu ingressasse na Universidade prosseguiram. Mas eu precisava analisar bem os prós e contras. Diante do anúncio que ainda em 1975 iria haver concurso para a cadeira de Sociologia na UFS, junto com Beatriz, examinamos em detalhes as possíveis implicações durante os quatro dias de uma viagem, entre ida e volta, a Belo Horizonte/MG. Fomos participar da XXVII Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), de 9 a 16.07.1975, que tinha por tema central a crescente deterioração do meio ambiente.

Meses antes desse congresso, ocorrera a defesa da tese de Livre Docência do professor Silvério, permitida por uma legislação excepcional do governo militar. Em sua fala, ele analisou o pensamento de quatro autores marxistas: Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr., Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes. Como as obras dos dois últimos escritores foram lidas a partir de livros da nossa biblioteca, talvez por isso o casal Ibarê e Beatriz foi alvo de agradecimentos. Assisti à defesa e apreciei suas respostas polidas mesmo diante de indagações provocadoras. Seu desempenho explorou sua vasta cultura embasada em conhecimentos filosóficos, históricos e sociológicos consistentes.

Em início de novembro, concorri ao concurso para a cadeira de Sociologia na UFS. Aprovado e contratado, ainda em 1975, comecei a lecionar. Permaneci bancário até 27.12.1976, quando saí a meu pedido. No ano seguinte, enfrentei a seleção para mestrado na Unicamp.

Interlocução durante o mestrado

Em início de 1978, mudei-me com a família para Campinas (SP) para cursar o Mestrado na área de Ciência Política enquanto Beatriz em Antropologia. Durante os dois anos como aluno da Unicamp, escrevi cinco cartas a Silvério, falando do ambiente, das disciplinas cursadas e de livros. Ele respondeu a todas, quatro à mão e uma datilografada. Deu notícias dos acontecimentos da nossa terra, de seus sentimentos em relação a certos episódios, de suas atividades, de suas leituras e de avaliações sobre determinados teóricos. Silvério continuava como meu grande mestre e interlocutor. As amostras dos conteúdos dessas missivas recebidas são expressivas da nossa intercomunicação e interesses naqueles momentos.

A primeira resposta veio com data de 20.06.1978. Foram três páginas, duas delas dedicadas a comentar a situação interna da Universidade Federal de Sergipe. Na primeira, revelou-se queixoso com o então reitor Aloísio de Campos e com pessoas influentes em seu entorno. Ao ser derrotado em eleição para a direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, manifestou-se insatisfeito com colegas do Departamento de História e informou que escreveu artigo que desagradou os administradores. Pareceu-me desanimado para escrever seus ensaios e atribuiu às dificuldades de publicar. Ademais, não queria ser repetitivo, afirmou. Por outro lado, expressou sua esperança em mim e em Beatriz: “Sinto-me feliz em vê-los de velas enfunadas para o porvir [...]” e seguia expressando expectativas elevadas sobre nosso futuro. Era uma forma de estimular-nos.

A segunda carta, datada de 02.09.1978, tinha quatro páginas. O professor Silvério encontrava-se em outro momento. Muito motivado falou-me de suas leituras: Aron (*A República Imperial*), André Marrou (*A educação na antiguidade*), Marc Bloch (*A Sociedade Feudal*), Jaeger (*A Paideia*). Gianotti, Romano Galeffi, sobre arte, entre



outros. Sobre a obra de Marc Bloch, lamentou não haver lido antes. Pesquisava sobre a Decadência do Sistema Servil em Sergipe e sobre a Legislação da Província de Sergipe. Já havia escrito sobre o sistema jurídico-político imperial.

Participou-me que, junto com a professora Maria Thetis, foram eleitos para a Academia Brasileira de História, seção de São Paulo. Informou também que se preparava para escrever o discurso de recepção de Bonifácio Fortes na Academia Sergipana de Letras. Mencionou que iria, na semana seguinte, redigir, com Luiz Rabêlo Leite, um projeto criando o Sistema Estadual de Arquivo e a carreira de arquivista por encomenda da Secretaria de Educação. Enfim, em sua missiva demonstrava estar motivado e com muitas atividades. Somente a gestão da Reitoria continuava passível de críticas.

Mandou recado para Beatriz sobre a vontade de discutir com ela sobre o estruturalismo. Informou também sobre publicações ocorridas em Aracaju de interesse da estudiosa de Antropologia. Ainda falou de seu agrado em nos acompanhar nos estudos.

A terceira carta, datada de 02.12.1978, veio com duas páginas. Como eu havia lhe sugerido comparecer a um congresso em Campinas, desculpou-se não poder. Estava lendo a obra de Burckhardt, continuava o estudo da legislação e fez uma avaliação crítica do novo livro de Thetis. Mencionou os méritos e fez alguns reparos. Comentou sobre o envio de livro que não recebemos; falou de Alice Canabrava, que esteve em Sergipe; e do seu esforço em continuar a obra de Eurípedes Simões de Paula, da USP. Pediu colaboração dos historiadores de Sergipe para o próximo Simpósio da Associação Nacional de História (Anpuh) a ser realizado em Niterói. O professor Silvério revelou também que estava pensando em escrever um trabalho retomando uma velha ideia acerca das relações entre o Estado e a natureza do fenômeno político como inerente à qualidade social do homem. E completou: “Esse me afastará dos estudos sergipanos. Mas o tema me apaixona.” Por fim, comunicou-me a formatura em História de dona Elze, sua esposa.

A quarta missiva foi a única datilografada em letra miúda com duas páginas, escrita em 11 de junho de 1979. Elogiou minha carta anterior na qual falei da bibliografia discutida nas disciplinas que cur-



252

sava, manifestou interesse pelos temas, com destaque para ideologia, assunto sobre o qual lera bastante. Afirmou que, ao contrário do que eu poderia pensar, seu interesse pela Ciência Política era grande. E explicou: “nos últimos anos tenho procurado situar as dimensões do método dialético, sobretudo confrontando com o método analítico.” Adiante acrescentou: “Quero discernir com clareza as raízes de sua racionalidade e também suas limitações”. Lembrou que sua tese sobre as quatro diretrizes “representou uma etapa nesse caminho.” Admitiu que suas matérias de ensino concorriam para afastá-lo da Ciência Política. Ainda na missiva, contou que não escreveu comunicação para o X Simpósio da Anpuh, porque não conseguiu o livro sobre a *Filosofia do Direito* de Hegel. Apreciador de Tocqueville, confessou não conhecer as obras de Hanna Arendt. Também destacou que além de coordenar o Estágio de Direito, lecionava Introdução e Teoria da História. Na última página, opinou sobre o então governo de Augusto Franco com avaliação crítica. No pós-escrito à mão, acrescentou que o reitor negara a passagem de ônibus-leito pleiteada para a viagem pretendida. Então, desistiu do Simpósio da Anpuh.

Na quinta e última carta, com data de 26.08.1979, em quatro páginas, discorreu sobre três livros. Sobre o de Hanna Arendt, que eu lhe havia enviado, apreciou e observou a variedade e o alcance dos temas desenvolvidos pela pensadora alemã. Sobre os dois últimos da vertente marxista, de Poulantzas sobre *Classes Sociais* e o de Adam Schaff sobre *História e Verdade*, teceu elogios, principalmente ao último pela “procura de descobrir pontos de contato do marxismo com outras doutrinas.” Eram avaliações expressivas de sua sólida base histórica e filosófica. Ainda tratou de um quarto autor, Flamarion Cardoso, cuja orientação da história quantitativista não o agradava. Na oportunidade, anunciou a programação de um painel na UFS por iniciativa estudantil com cinco professores apresentando-se em dias sucessivos, no qual ele falaria sobre o marxismo.

De volta a Sergipe: pesquisa, estímulo e contribuições

De volta a Sergipe após o fim das disciplinas do mestrado na Unicamp, nossos contatos aconteceram com menos frequência.

Voltei a ensinar e ocupei-me em complementar a pesquisa e a escrever a dissertação sobre *As Políticas das Interventorias em Sergipe (1930-1945)*. Mas continuei consciente de que dispunha de um mestre disposto a estimular-me de várias formas. Em 1980 estive presente em minha palestra sobre os cinquenta anos da Revolução de 1930, ocorrida no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. No ano seguinte, concedeu-me uma entrevista quando preparava minha dissertação de mestrado sobre “As Políticas dos Interventores de Sergipe” (1930-1945). Ao escrever um livrinho sobre *Coronelismo e Dominação*, dediquei a dois amigos: Silvério e Josué Modesto dos Passos Subrinho.

Ao me debruçar na pesquisa sobre *Os Partidos Políticos em Sergipe (1890-1964)*, o professor amigo me concedeu três longas e importantes entrevistas (1985, 1987 e 1988). Tendo ocupado o cargo de secretário particular no governo Arnaldo Garcez nos anos cinquenta, acumulou experiências consideráveis sobre os políticos e suas práticas nos partidos, na Assembleia e nas campanhas eleitorais. Ao ler os originais, discuti minha versão com a franqueza e a sabedoria que manifestava em nossa interlocução. Compareceu ao lançamento e fez questão de comprar exemplares para enviar a terceiros.



Figura 3: Lançamento de *Os Partidos Políticos em Sergipe*.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Continuava um amigo disposto a me ajudar nas necessidades. Em 1988, quando eu coordenava o Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS/UFS), que tinha por área de concentração Estado e Sociedade no Nordeste, promovemos vários simpósios e palestras. Uma delas destinava-se à análise da nova Constituição. Convidei um professor de Direito, que acabou não comparecendo. Em dificuldade, em cima da hora, apelei para o professor Silvério, que aceitou o encargo e se desincumbiu da tarefa com maestria.

Na comemoração da Queda da Bastilha, em 14.07.1991, a Associação Cultural Franco-Brasileira/Aliança Francesa convidou o professor Silvério para proferir a conferência sobre “O Significado Histórico da Revolução Francesa” e a mim para atuar como debatedor.

Quando eu investigava *A Tutela Militar* me concedeu as duas últimas entrevistas, uma em 1991 e outra em 1994. Desde o golpe vinha acompanhando com mais informações o transcurso da ordem autoritária. Como interlocutor efetivo, me contava não apenas fatos dos bastidores, como também os atos abusivos que sofria. Quando ocupava um cargo na estrutura sindical nacional, como conselheiro da Federação Interestadual dos Trabalhadores de Ensino (1966-1976), foi pressionado, mas resistiu. Ao tentar inscrever-se em um concurso para juiz, os órgãos de informação vetaram sua pretensão. Indignado, protestou por escrito, de imediato, no mesmo processo do despacho, conforme me narrou.

Em plena vigência do regime discricionário, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e contribuiu com o partido com sua visão larga dos problemas. Também me falava do clima interno da agremiação. Anos depois filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Dessa vez, indagou-me se eu não queria ingressar também. Recusei e ele não insistiu. Outra sugestão que não acatei foi a de candidatar-me à Academia Sergipana de Letras, onde ele fora recebido em 1969. Compareci à concorrida posse no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e apreciei sua análise da obra de Ivo do Prado.

Convites mais honrosos eu e Beatriz recebemos. Eu para ser padrinho de crisma de um filho e Beatriz, madrinha de uma filha.



Pela tradição, nos tornamos compadres. Nunca nos tratamos dessa forma, mas sentimos muito gratos e honrados por mais esse gesto de grande atenção e de amizade, estabelecendo vínculos com sua família.

Sua aposentadoria da UFS ocorreu em 1992. Em uma sessão em sua homenagem no auditório da Reitoria, promovida por colegas e ex-alunos, alguns discursaram, inclusive eu, que divulguei texto, “A Trajetória de um Mestre”, no *Jornal da Manhã* e no *Jornal de Sergipe* em 30.04.1992, em sua homenagem.

O mestre ainda lecionou Ética Profissional no curso de Direito até 1994. Por esse tempo, retomou as reuniões com um grupo de estudos com velhos companheiros em sua residência, voltando-se para a interpretação da Bíblia e problemas teológicos, que não participei. Apareceu algumas vezes no grupo de intelectuais e empresários que na época se reunia no Corecon (Conselho Regional de Economia) e, posteriormente, mudou-se para a Sociedade Médica de Sergipe (Somesse). Era apreciador de uma cervejinha durante nossos encontros e avaliações, ocorridos no Cacique e em outros bares. Sempre estava disposto a discutir, tratando o interlocutor como igual, nunca se alterava diante das críticas ou das divergências.

Últimos tempos

Nos idos de 1997, ao levar os originais sobre *A Tutela Militar em Sergipe* para sua avaliação crítica, encontrei-o doente e sem condições de analisar a obra.¹³ Eram os problemas de saúde que se agravavam. Desde a tenra idade, conviveu com incômodos. Na infância foi diagnosticado como diabético e passou a vida sob limitações, sujeito a crises de hiperglicemia com efeitos diversos. Acompanhei-o desde os anos sessenta e testemunhei sua convivência com essa patologia de forma resignada, sem se lamentar, com uma resistência impressionante. Por meio de seus escritos, recentemente li que, em 1959, recebeu bolsa de estudo da embaixada francesa para cursar

¹³ Ao melhorar de saúde, leu o livro e emitiu um juízo que muito me confortou.

o doutorado na Sorbonne na área de Psicologia Pedagógica. Hospedou-se na Casa do Brasil, mas em decorrência da sua diabetes, passou em Paris apenas quatro semanas, três das quais hospitalizado, resultando na frustração de seu projeto.

Na segunda metade dos anos noventa, já com o agravamento da saúde, empenhou-se em publicar alguns escritos inéditos. Ao planejar editar sua tese de Livre Docência sobre o pensamento de quatro autores marxistas, Silvério me pediu para prefaciar a obra. Não me senti à altura de revelar o alcance da contribuição e sugeri que procurasse alguém mais capacitado. Ocorre que ele terminou editando o texto sem prefácio. Senti-me faltoso, senão ingrato ao professor que tanto me ajudou.

Pouco depois, juntou alguns ensaios sobre *O Pensamento Jurídico Sergipano* e voltou a me pedir para prefaciar. Dessa vez, não poderia recusar. Não obstante minha fraca cultura jurídica, elaborei, em fins do ano 2000, um texto superficial sem analisar em profundidade o valor do seu trabalho. O referido livro foi editado em 2003, quando seus movimentos haviam se reduzido.

Nesse período, com ajudas dos filhos, foram lançadas três obras com textos inéditos ou não, a cujos eventos ele compareceu em cadeira de rodas sem condições de autografá-las. Acamado, por alguns anos continuei a visitá-lo periodicamente. Quando me despedia, ele sempre pedia para não demorar a voltar. Quando fui eleito vice-presidente do IHGSE,¹⁴ consultei-o quando me propus a reformar o estatuto da Casa de Sergipe e recebi as primeiras orientações. Depois, quando comuniquei à presidente Maria Thetis Nunes a intenção de concorrer à sucessão, ela informou primeiramente a Silvério que eu seria o novo presidente.

Em julho de 2004, em solenidade no IHGSE, em comemoração dos 184 anos de emancipação política de Sergipe, homenageamos dois intelectuais que emprestaram grande contribuição à Casa de Sergipe como sócios beneméritos: José Silvério Leite Fontes, que assumiu a presidência num dos momentos mais críticos do sodalício, e Fernando Figueiredo Porto (1911-2005) que foi vice-presidente

¹⁴ Em nossa gestão, a sigla IHGS foi alterada para IHGSE, para distinguir da de Santos (SP).



por longo tempo. Ambos se fizeram representar por parentes próximos. O professor Silvério, por sua esposa.

Apesar de imobilizado no leito, não se lamentava e continuou lúcido até o fim, recebendo visita e opinando. Mas, em 06.12.2005, dia do meu aniversário, silenciou para sempre, levando para o túmulo sua vasta cultura humanística e sua disposição em servir.

Por coincidência, o professor Fernando Figueiredo Porto faleceu no mesmo ano. Em face disso, em 30.05.2006, realizamos uma cerimônia no IHGSE em homenagem à memória dos dois eminentes mestres, tendo a oportunidade de lembrar os percursos marcados por feitos de grande significado para a sociedade sergipana.

Na edição de número 35 da *Revista do IHGSE*, em 2006, encarreguei-me de publicar seu obituário, que tem servido de fonte para pesquisadores interessados em conhecer sua contribuição para história intelectual de Sergipe. No livro *História da Casa de Sergipe: Os 100 anos do IHGSE*, ao tratar dos presidentes do sodalício, dediquei dez páginas ao mestre que assumiu a direção da Casa em um momento de crise (Dantas, 2012, p. 306-314). Exercitando seu espírito público, contribuiu de forma decisiva para superar as dificuldades, convencendo a professora Maria Thetis Nunes a assumir a presidência, onde ela permaneceu cerca de trinta anos (Dantas, 2012).

Legado

Avalio que o meu convívio com o professor Silvério foi um dos maiores privilégios de minha formação intelectual, contribuindo para a minha forma de proceder na vida profissional. Sua generosidade, que registrei como amostra, foi uma constante em todo seu percurso. Sua residência recebia não apenas alunos, mas também autoridades que recorriam à sua consulta sobre vários assuntos do seu domínio.

Seu espírito público aparecia associado com sua disposição para atuar em várias áreas. Basta lembrar sua presença no magistério, nos órgãos superiores de representação e na Procuradoria da UFS, na OAB, na reforma do projeto para o Arquivo Público (Apes), no

seu empenho para recolhimento das fontes históricas cartoriais. Em todos os espaços que ocupou deu testemunho de seu padrão ético revestido de sabedoria.

Sua dedicação ao magistério para cobrir os encargos da família, a pertinência de servir aos outros, de participar em tudo que era convidado, ser fermento na massa, de conformidade com suas convicções cristãs, a prioridade dada ao outro, tudo isso limitou o tempo voltado para sua produção histórica e filosófica. Mesmo assim, seus ensaios marcados por linguagem fluente, sóbria e elevada, com rigor conceitual, revelando vasta erudição de forma objetiva sobre questões substantivas, compõem um legado robusto raro em nossas letras.

Enfim, em nosso convívio testemunhei, além de seu amplo saber e de sua generosidade em servir, seu elevado espírito público e sua postura ética.

258



Referências

AMADO, Gilberto; LIMA, Alceu Amoroso. **Discursos na Academia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: edição portuguesa Europa-América, s/d.

BURKE, Peter (org). **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Unesp, 1991.

CROUZET, Maurice. **História Geral das Civilizações**. Brasil: Difel, 1960.

DANTAS, José Ibarê Costa. **O Tenentismo em Sergipe** (da Revolta de 1924 à Revolução de 1930). 1. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1974, 252 p.; 2. ed. Aracaju: J. Andrade/Funcaju, 1999, 295 p.; 3. ed. Aracaju: Seduc, 2022, 247 p.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Coronelismo e dominação**. 1. ed. Aracaju: Diplomata/Editora UFS, 1987, 110 p.; 2. ed. Aracaju: Criação, 2019, 295 p.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, 341 p.; 2. ed., Aracaju: Seduc, 2022, 331 p.

DANTAS, José Ibarê Costa. **A Tutela Militar em Sergipe (1964-1984): partidos e eleições num estado autoritário**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, 363 p.; 2. ed. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2014.

DANTAS, José Ibarê Costa. **História da Casa de Sergipe**: os 100 anos do IHGSE (1912-2012). São Cristóvão/SE: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012, 491 p.

DANTAS, José Ibarê. Um homem agradável. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 09.11.1972.

DANTAS, José Ibarê. A Trajetória de um Mestre. **Jornal da Manhã e Jornal de Sergipe**, Aracaju, 30.04.1992

DANTAS, José Ibarê. **Jornal de Sergipe**, Aracaju, 30.04.1992.

DICIONÁRIO Houaiss. Uol. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/houaiss/apps/uol_wwww/vopen/html/inicio.php>. Acesso em: dez. 2024.

FONTES, José Silvério Leite. **Quatro Estudos**. Aracaju: Regina, 1958.

FONTES, José Silvério Leite. **Razão e Fé em Jackson de Figueiredo**. Aracaju: Regina, 1952.

FONTES, José Silvério Leite. **Formação do Conceito de Fato Histórico na Cultura Ocidental**. Aracaju: Regina, 1958.

FONTES, José Silvério Leite. **Marxismos na Historiografia Brasileira Contemporânea**. S. Cristóvão, Editora da UFS, 2000, 150 p. Este texto foi resultante de sua Tese de Livre Docência: **Quatro Diretrizes da Historiografia Brasileira Contemporânea**, Aracaju, 1975.

FONTES, José Silvério Leite. **Razão e Fé em Jackson de Figueiredo**. Aracaju, EDUFS, 1998, 178 p.

FONTES, José Silvério Leite. **O Pensamento Jurídico Sergipano: O Ciclo de Recife e outros ensaios**, Aracaju, Edufs, 2003.

FONTES, José Silvério Leite. **Ser Mundo e Esperança**. Aracaju, Secretaria de Estado da Cultura- SEC, 2003, 236 p.

FONTES, José Silvério Leite. **Formação do Povo Sergipano (Ensaio de História)**. Aracaju, Secretaria de Estado da Cultura- SEC, 2004.

LIMA, Jackson da Silva. **Os Estudos Filosóficos em Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe; Secretaria de Estado da Cultura, 1995.

LEBRET, L. J. **Suicídio ou sobrevivência do Ocidente**. São Paulo, Duas Cidades, 1961.

LEBRET, L. J. **Manifesto por uma sociedade solidária**. São Paulo, Duas Cidades, 1962.

MARITAIN, Raissa. **As Grandes Amizades**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

MARROU, Henri-Iriné: **Do Conhecimento Histórico**. Lisboa: Editorial Aster de Lisboa, s/d.



MARRON, Henri Iriné. **Como compreender o ofício de Historiador** (*texto mimeografado*).

NASCIMENTO, Afonso. Problemas do professor Silvério Leite Fontes com o regime militar. In: _____. **Lutas pelo Poder**. Ensaios sobre indivíduos e grupos políticos em Sergipe. Aracaju: Criação, 2024, p. 17-23.

